

Contos de Perrault



Altamente Recomendável –
Categoria Tradução, FNLIJ, 2006.

Contos de Perrault

© Fernanda Lopes de Almeida, 1996

Tradução direta do francês dos *Contes du temps passé*, de Charles Perrault

Poesias de Fernanda Lopes de Almeida. Todos os direitos reservados.

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Claudia Morales
Editor assistente	Fabricio Waltrick
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Luciene Lima

ARTE

Projeto gráfico e capa	Katia Terasaka
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Studio 3 Desenvolvimento Editorial
Pesquisa iconográfica	Silvio Klugin (coord.) e Caio Mazzilli

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A532a
2.ed.

Almeida, Fernanda Lopes de

Contos de Perrault / por Fernanda Lopes de Almeida ; ilustrações de Elizabeth Teixeira. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2007.
88 p. : il. - (Coleção Fernanda Lopes de Almeida)

Adaptação de: Contes du temps passé / Charles Perrault
ISBN 978-85-08-10845-9

1. Ética - Literatura infantojuvenil. 2. Conto infantojuvenil. I.
Perrault, Charles, 1628-1703. II. Teixeira, Elizabeth, 1961-. III. Título.
IV. Série.

06-4019. CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10845-9 (aluno)

CL: 735842

CAE: 210545

2019

2ª edição

7ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br – atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Contos de Perrault



por
FERNANDA LOPES DE ALMEIDA

Ilustrações de
Elisabeth Teixeira



Charles Perrault foi o primeiro a dar acabamento literário aos contos de fada. Esse feito lhe conferiu o título de Pai da Literatura Infantil.

O que nos contam os contos de Perrault

Fadas madrinhas, bruxas vingativas, ogros famintos, animais mágicos... Provavelmente você nunca topou com um desses seres andando por aí, mas certamente já ouviu falar deles em algum conto de fadas. Afinal, muitas dessas histórias conhecemos antes mesmo de aprender a ler. São criações antiquíssimas que ninguém sabe exatamente de onde vieram. Acredita-se que a maior parte tenha viajado de boca em boca desde o Oriente, saindo especialmente da Índia. Árabes, persas, gregos e celtas – dentre outros povos – também foram hábeis criadores de contos maravilhosos.

Mas, se hoje essas histórias vivem no imaginário de pessoas do mundo inteiro, muito se deve a Charles Perrault (1628-1703). Poeta da Academia Francesa, ele colocou no papel algumas das narrativas tradicionais que antes circulavam apenas oralmente entre o povo. O trabalho resultou em um livro, publicado em 1697, chamado *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades*, mas ficou conhecido mesmo por seu subtítulo: *Contos da mamãe gansa*. As morais vinham em forma de poesias, que encerravam cada história.

Considerada o ponto de partida da Literatura Infantil, a obra vem sendo, desde então, recontada e adaptada de acordo com os valores de cada época. Nos séculos XIX e XX, os contos já tinham feições bem diferentes: tradutores, autores e editores, inspirados por ideais humanitários, suavizaram seus traços cruéis e fizeram de tudo para tornar o final sempre feliz. A Chapeuzinho Vermelho de Perrault, por exemplo, morre nas garras do lobo. Não há beijo nenhum na cena em que o príncipe encontra a Bela Adormecida e, por sinal, o conto não acaba aí...

Esta edição dos *Contos de Perrault*, com tradução de Fernanda Lopes de Almeida, garante ao leitor acesso à versão original do clássico, mantendo-lhe toda a graça e ironia. Já os versos finais são de autoria dessa grande escritora brasileira, que lança um olhar inteiramente pessoal sobre os contos, destacando neles aspectos nem sempre evidentes.



Era uma vez Charles Perrault

Charles Perrault nasceu em Paris no dia 12 de janeiro de 1628. Quinto filho de um casal da alta burguesia, abandonou o colégio na adolescência, depois de ter se desentendido com um professor, e completou sozinho seus estudos.

Aos 23 anos, começou a trabalhar como assessor do seu irmão mais velho, co-

letor de finanças da corte. Esse emprego lhe dava tempo livre para participar ativamente dos badalados salões literários parisienses, onde escritores e aristocratas se encontravam. Ali, ele cercou-se de relações sociais importantes e conquistou notoriedade. Na luxuosa corte de Luís XIV – o Rei Sol –, Perrault foi promovido a assessor do ministro Colbert, com generosas gratificações e direito a aposentos no Palácio de Versailles, onde permaneceu por vinte anos.

O prestígio do cargo real favoreceu também o ingresso de Perrault, aos 43 anos, na Academia Francesa. Ali, ao lado de outros literatos, protagonizou uma longa disputa intelectual, batizada de Querela dos Antigos e Modernos. Os Antigos eram os escritores que acreditavam na superioridade da antiguidade greco-romana sobre toda e qualquer produção francesa. Já os Modernos defendiam que a obra dos autores da França não deixava nada a dever aos clássicos de outrora.

Perrault, que liderava o grupo dos Modernos, resolveu buscar nas raízes francesas histórias que comprovassem o alto valor da cultura nacional. E assim acabou encontrando os contos de fadas, chamados então de “contos de velha” ou “contos da cegonha”, e que eram conhecidos apenas na boca do povo e em alguns livretos de cordel. Na época, começavam também a ser descobertos pelas damas da corte, que os recitavam com pompa nos salões de Paris.

Faltava, porém, alguém que transformasse essas histórias em boa literatura. Está aí a importância de Perrault. Ao banhar os “contos de velha” no ouro de sua poesia, e recriá-los nos *Contos da mamãe gansa*, ele acabou fundindo a tradição popular com a cultura erudita de forma primorosa.



Aristocracia francesa no século XVII: antes de Perrault, os contos de fada circulavam somente entre o povo.

Moral da história: a literatura a serviço da educação

Na época de Perrault, o absolutismo francês estava em seu auge. O extravagante rei Luís XIV tinha tanto poder, que não foi surpresa para ninguém ouvi-lo certa vez dizer: “O Estado sou eu”. O Iluminismo – movimento que, acima de tudo, acreditava na razão e na liberdade – demoraria algumas décadas para nascer e trazer luz ao pensamento europeu. A Revolução Francesa, então, só iria abalar o mundo dali a quase um século.

Ainda assim, algumas mudanças já apontavam transformações na sociedade francesa. A burguesia, que progressivamente acumulava riquezas e assim ascendia socialmente, promovia, entre outras mudanças, um novo modelo de educação infantil.

Antes, as crianças não recebiam um tratamento especial da sociedade, que as via e as fazia se comportar como pequenos adultos, desde a maneira de se vestir até a de pensar. Os próprios *Contos de mamãe gansa* não eram especialmente destinados aos jovens leitores. Porém, graças aos enredos fantasiosos e à aparente simplicidade do texto, cativaram de imediato esse público e acabaram sendo perfeitos na preparação dos filhos da burguesia – sobretudo as meninas – para o mundo adulto. Muitas das histórias eram modelos para o papel da mulher, da infância à maturidade, e destacavam a importância do casamento e da constituição de uma família como a chave para uma vida feliz. O próprio Perrault, que se casou aos 44 anos e teve quatro filhos – sendo uma menina –, admittia o caráter utilitário do livro na pregação da moral cristã e dos bons costumes.

Apesar de continuar motivando a discussão de valores – como a honestidade, a perseverança e a prudência –, hoje, os contos de Charles Perrault são admirados não somente pelo seu proveito pedagógico. Muito mais do que isso, eles formam uma obra de incomparável riqueza imaginativa, um documento histórico que atesta o talento desse homem, que não apenas abriu as portas para a Literatura Infantil, mas também permaneceu como um de seus maiores representantes.



Os salões de Paris eram normalmente organizados por mulheres. Neles, a alta sociedade se encontrava para se divertir com jogos e leituras.

Infelizmente, hoje em dia algumas pessoas rejeitam os contos de fadas porque aplicam a essa literatura padrões totalmente inapropriados. Se tomamos essas histórias como descrições da realidade, então os contos são verdadeiramente ultrajantes sob todos os aspectos – cruéis, sádicos e tudo mais. Mas, como símbolos de acontecimentos internos ou problemas psicológicos, essas histórias são totalmente verdadeiras.

(...)

Os que baniram os contos de fadas tradicionais e folclóricos decidiram que, havendo monstros numa história narrada à criança, deveriam ser todos amigáveis – mas se esqueceram do monstro que a criança conhece melhor e com o qual se preocupa mais: o monstro que ela sente ou teme ser, e que algumas vezes a persegue. Mantendo esse monstro escondido no inconsciente da criança, sem falar dele, os adultos impedem-na de elaborar fantasias a seu respeito. Sem essas fantasias, a criança não consegue conhecer seu monstro melhor, nem recebe sugestões sobre como conseguir controlá-lo. Em consequência, fica impotente face às suas piores ansiedades – muito mais do que se tivesse ouvido contos de fadas que dão forma e corpo a essas ansiedades e mostram também os meios de vencer esses monstros.

Bruno Bettelheim, A psicanálise dos contos de fada

A Bela Adormecida no Bosque



ERA UMA VEZ UM REI e uma Rainha que viviam muito desgostosos por não terem filhos. Fizeram votos, promessas, tratamentos, tudo enfim, e nada resolvia. Afinal, a Rainha ficou grávida e teve uma filha.

O casal decidiu convidar para madrinhas todas as Fadas que se pôde encontrar no país. (Foram achadas sete.)

A ideia era que cada uma concedesse um dom à Princesinha, como era costume naquele tempo. Assim ela teria todas as perfeições imagináveis.

Fez-se um belo batizado. Depois da cerimônia, todos voltaram ao palácio, onde haveria um grande banquete.

No lugar de cada Fada havia um estojo de ouro maciço, com uma colher, um garfo e uma faca também de ouro, guarnecidos de diamantes e rubis.

Mas assim que os convidados tomaram os seus lugares à mesa, surgiu uma velha Fada que não tinha sido chamada.

Houve uma perturbação na sala. Os convivas comentavam entre si:

– Mas como? Há mais de cinquenta anos ela não saía do alto de uma torre.

– Sim, todos pensavam que estivesse morta, ou então encantada.

O Rei, aflito, mandou arranjar-lhe um lugar à mesa. Mas não houve maneira de conseguir um estojo de ouro, como o das outras. A velha Fada achou que a estavam desprezando e resmungou baixinho algumas ameaças.

Uma das jovens Fadas, que se encontrava perto, ouviu o que ela dizia. Percebeu que a velha Fada poderia preparar alguma surpresa desagradável e, assim que todos saíram da mesa, foi esconder-se atrás das belas cortinas de tapeçaria.